

IMPRESSOS DE PROFESSORES: REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO E ENSINO NOS PERIÓDICOS PAULISTAS (1911-1923)

NERY, Ana Clara Bortoleto – UNESP

GT-02: História da Educação

Agência Financiadora: FAPESP

Os professores das escolas de formação de professores para a escola primária, no estado de São Paulo, foram autores de artigos em periódicos publicados dentro e fora dessas instituições. Tais artigos são representativos da produção e circulação, bem como, da apropriação e representação de modelos culturais pelos professores responsáveis pela formação de gerações de professores das escolas primárias, na primeira metade do século XX. Ao analisar tal produção, esse texto busca aproximar-se dos conhecimentos pedagógicos que efetivamente circulam neste ambiente formativo. O que os professores escrevem sobre educação e ensino são fortes indícios de quais modelos estão efetivamente sendo privilegiados na formação do professor primário, seja nas aulas organizadas por esses professores, ou nas recomendações de leitura aos alunos.

Ao tomar os periódicos como fonte, busco compreendê-lo sobre dupla perspectiva: “como dispositivo de normatização pedagógica, mas também como suporte material das práticas escolares” (Carvalho, 1998, p. 33). Dessa forma, há aqui uma preocupação em desvelar os sentidos que os autores buscam dar ao que escrevem e divulgam. Para tanto, os conceitos de apropriação e representação tornam-se centrais o que concentra a análise na modelização retórica dos textos, na materialidade dos suportes e na materialidade do consumo produtivo. Na primeira, a autoria é núcleo, sendo neste caso o autor um sujeito que tem por papel mediar conceitos de outros autores em conceitos inteligíveis aos leitores – alunos das Escolas Normais. Na segunda, a materialidade dos periódicos, um tipo específico de suporte de destinação e perfil definidos. Na terceira a preocupação com os protocolos e as comunidades de leitura, os regimes de circulação e as exclusões (Carvalho e Hansen, 1996, p.9-10).

Os questionamentos que norteiam minha análise são, basicamente, quais conhecimentos pedagógicos circulam pelas Escolas Normais paulistas? Quais autores-referências são apropriados e representados pelos autores dos artigos das revistas pedagógicas? Quais modelos pedagógicos são privilegiados, pelos autores, na formação dos professores? Quais as representações sobre os saberes necessários ao ofício de

professor? Para tanto foram selecionados periódicos educacionais publicados pelas Escolas Normais do estado de São Paulo.

Educação e ensino: apropriação e representação nos periódicos paulistas

No interior do estado de São Paulo a Escola Normal Secundária de São Carlos e a Escola Normal Primária de Piracicaba, criadas a partir de 1911, foram palco de publicações feitas por professores dessas instituições. Além de alguns manuais para a formação de professores e de manuais para serem utilizados na Escola Primária os professores dessas escolas publicaram também revistas voltadas para as questões da educação e do ensino.

Os alunos da Escola Normal Secundária de São Carlos, representantes do Grêmio Normalista, publicaram uma revista chamada *Excelsior!* (1911-1916) que em suas páginas veiculavam artigos de professores. No editorial estão presentes os objetivos pelos quais a revista é criada, logo após a constituição do Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março” que era o de “cultivar o proprio gosto litterario, desenvolver o seu discernimento discutindo os problemas didacticos de maior momento, congregar os esforços, formar o espirito de classe. Pretendiam mais, muito mais!” (*Excelsior*, n.1, 1911, p. 5)

Criada com o incentivo do diretor da escola João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior, esta revista tem à frente João Lourenço Rodrigues. Dois expoentes da educação paulista, o primeiro será Diretor Geral da Instrução Pública e o segundo, Lente de Aritmética e Álgebra da Escola Normal de São Carlos, além de autor de livros como *Um retrospecto e Livro jubilar da Escola Normal* (de São Paulo), professor da Escola Normal da Capital e Inspetor da Instrução paulista. Rodrigues foi autor de um artigo, já no primeiro número, intitulado *Fazer para aprender*¹. Fazendo um retrospecto sobre Pestalozzi, informa o autor ser este o primeiro a propor que a aprendizagem do aluno deve ocorrer por intuição, ou seja, através das lições de coisas e nesse ponto cita Willian James. Para Rodrigues, o método desenvolvido por Pestalozzi era incompleto. Foi Fröbel, contemporâneo de Pestalozzi, que acrescentou a idéia da aplicabilidade do aprendido através dos trabalhos manuais. Cita J.L. Hugues, que defende a idéia de que o

¹ RODRIGUES, J.L. Fazer para aprender. In *Excelsior!* n. 1, fev 1911, p. 12-13.

fazer é essencial para a aprendizagem, e o livro de O. Buyse, *Méthodes Americaines*², em que o autor apresenta os “dons fröebelianos” que são formados por um conjunto de brinquedos, organizados em séries, para os trabalhos manuais. Rodrigues afirma ser o sloyd, que fora criado na Suécia e introduzido nos Estados Unidos, bem depois de Fröebel, que ajudou a organizar uma seqüência de trabalhos executados em madeira, incorporados pelos norte-americanos. Para o autor a função dos trabalhos manuais seria a de formar o homem capaz de conceber um plano e aparelhado para executá-lo. Este seria, para ele, o ideal da educação moderna.

Segundo Marta Carvalho, o livro de Buyse, publicado em 1909, foi muito difundido no Brasil, ajudou a “reconfigurar as concepções de escola e educação” ao colaborar com a divulgação dos princípios da chamada pedagogia da educação nova. Nota-se que o livro é rapidamente apropriado por Rodrigues, que apenas 2 anos após a publicação americana, já o cita em artigo no Brasil. Porém, a leitura de Rodrigues é voltado para o aprender a fazer fazendo e o livro de Buyse, ilustrado com fotos, pretendia mais do que retomar as idéias de Fröebel, mais do que apenas trabalhos manuais, “mas no livro se materializam, sobretudo, os códigos culturais inscritos na representação fotográfica dos corpos, sinalizando uma direção para o programa de reforma da sociedade pela reforma do homem”(Carvalho, 2003, p. 242)

Outro autor que aparece em *Excelsior!* é Roldão Lopes de Barros. Professor da Escola Normal Primária da Capital na época, há no periódico uma transcrição do discurso do professor enquanto paraninfo da turma de professorandos da Escola Normal Primária da Capital, com o título de *O interesse: seu papel como fator educativo*. O tema interesse está no cerne deste discurso. Partindo de Herbart, em quem se inspira, Roldão diz que o sucesso do ensino está em despertar no aluno o interesse pelo que o professor está a ensinar. “Interessar, é provocar essa atenção toda espontanea do aluno, sem a qual não conhecimento que se grave no cérebro, não há noção que perdure”³ (Barros,1913, s/p). Citando Pestalozzi, Claparède e Compayré, discorre sobre várias formas de interesse que cabe a escola desenvolver, ao lado da percepção, do gosto estético, do patriotismo e da solidariedade. Segundo o autor, nestes princípios a escola se completa.

² Este mesmo livro foi base para a Reforma do Ensino no estado da Bahia, elaborada por Anísio Teixeira, em 1926, e também foi traduzido e enviado para as bibliotecas e utilizado num curso de verão para os professores, pelo próprio Anísio (Carvalho, 2003, p. 242).

³ BARROS, Roldão L. O interesse: seu papel como fator educativo. In *Excelsior!* n. 3, fev 1913, s/p.

Antonio Firmino de Proença, outro autor de artigo, era professor da cadeira de Métodos e Processos de Ensino, Crítica Pedagógica e Exercícios de Ensino, da Escola de São Carlos, onde foi diretor interinamente entre 1916 e 1917. Em 1920, foi transferido para a Escola Normal de Pirassununga, como professor da cadeira de Metodologia e Prática de Ensino e diretor até 1928. Neste mesmo ano muda-se para a capital para ser inspetor geral da instrução. Foi membro da Sociedade de Educação de São Paulo e um dos autores de livros da Biblioteca de Educação⁴, coleção organizada por Lourenço Filho para a Melhoramentos, entre 1927 e 1930. Proença iniciou a série de monografias metodológicas desta Coleção com o livro *Como se ensina geografia*. No artigo escrito para *Excelsior!* intitulado *No domínio da technica*⁵, Proença inicia com a defesa da lição indutiva, que segundo ele teria sido elaborada pelos discípulos de Herbart, como complemento do ensino intuitivo que “faz o aluno adquirir factos e idéas”. Já na lição indutiva “o ensino o leva do particular ás generalizações”. Na seqüência apresenta 2 modelos de lições indutivas, “não para serem copiadas servilmente, porem como simples orientação aos professores de pouca experiência que desejem afastar-se da rotina”. O primeiro modelo é para curso secundário e o segundo para curso primário. Ao encerrar o artigo, Proença indica as seguintes leituras complementares - para aprofundamento do assunto – Mc.Murry, *The method of the Recitation*, De Garmo, *Essentials of method*, e Bagley, *The educative Process*.

A revista *Excelsior!* era destinada aos alunos das Escolas Normais, pois havia uma troca de publicações entre os grêmios, e circulava também no meio cultural sancarlense. Por ser uma revista literária, trazia em suas páginas escritos de Machado de Assis, Rui Barbosa e Euclides da Cunha, e pequenos ensaios poéticos escritos pelos próprios alunos. Há uma forte preocupação em reforçar as idéias republicanas do final do século XIX, com ênfase no positivismo. Portanto, outros literatos do mesmo período, por não compartilharem das mesmas idéias, estão ausentes. O momento de publicação desta revista é também o momento de arrefecimento das apostas na República, no campo da educação, que foram estimuladas pela Reforma Caetano de Campos. Retomar o fôlego republicano através de seus representantes parece o objetivo do governo

⁴ Sobre esta Coleção ver: Toledo, Maria R. A. e Carvalho, Marta M. C. Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. OLIVEIRA, Marcus A. T. Cinco estudos em História e Historiografia da Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

⁵ PROENÇA, A. Firmino de. No domínio da technica. In *Excelsior*, ano 4, n. 7, set 1916, s/n.

paulista ao fazer as modificações na formação dos professores, em 1911⁶, e, no âmbito destas modificações, estimular a criação dos grêmios normalistas e das publicações. Concomitante a publicação de *Excelsior!* era publicada a *Revista do Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Público Paulista.

Na mesma escola foi publicada a *Revista da Escola Normal de São Carlos* (1916-1923), com 13 números e 90 artigos escritos por professores e ex-professores da Escola Normal de São Carlos e professores de outras Escolas Normais paulistas. Iniciativa de um grupo de professores desta escola teve entre os autores nomes como Carlos da Silveira, João Augusto de Toledo, Antônio Firmino de Proença, além de Francisco Azzi. O primeiro número do periódico revela os seus propósitos:

Já vai para tres annos que alguns professores da Escola Normal desta Cidade tiveram a idéia de fundar uma revista que fosse um repositório das lucubrações a que, por dever de officio, se entregam os membros, do corpo docente do mesmo estabelecimento.

(...)

Era sensível, pois, a falta de uma publicação que servisse por fonte informativa, relativamente a orientação do ensino em tal instituto pedagógico, bem como para mais tarde lembrar os dias alegres passados na labuta de formação dos futuros mestres que em São Carlos recebem a investidura para a tarefa pesadíssima do magistério primário.

Esse é o motivo do apparecimento da presente publicação que registrará em suas páginas trabalhos sobre pedagogia, critica de livros, ensaios philosophicos e outros que possam contribuir para augmentar entre os moços o amor pelos estudos.

Serão recebidas com grande deferencia, e mesmo com reconhecimento as criticas que os entendidos se dignarem fazer com relação ás matérias aqui tratadas.

(RENSC, vol 1, n 1, p. 1)

⁶ Modificações efetuadas pelo Decreto 2.025, de 29 de março de 1911, que converte as Escolas Complementares do estado em Escolas Normais Primárias e os demais decretos que criam as Escolas Normais Secundárias e regulamentam as Escolas Anexas ás Escolas Normais.

Este periódico parece ter catalisado um conjunto de professores com interesses comuns e que continuam a dar vida ao periódico após serem transferidos para outras escolas normais após 1920. Fonte importante para o estudo da Reforma de 1920, a revista capta, sob determinado ângulo, os saberes e práticas pedagógicas e educacionais anterior a esta e o momento posterior, com um entusiasmo inicial perante a reforma e com algum desânimo após as modificações implantadas por Guilherme Kuhlmann, substituto de Doria após a exoneração deste do cargo de diretor geral da Instrução Pública.

Como o número de artigos escritos por professores é bastante extenso opto por escolher aqueles que dão uma contribuição mais significativa ao tema aqui desenvolvido, quais sejam, artigos escritos por Carlos da Silveira, João de Toledo e Antonio Firmino de Proença. Todos os três ocuparam cargos de direção das Escolas Normais paulistas após a Reforma de 1920, estratégia adotada por Sampaio Doria para criar as condições favoráveis para a execução das mudanças previstas na reforma. Sobre Firmino de Proença já apresentei alguns dados biográficos quando da análise de seu artigo para a revista *Excelsior!*. Na *Revista da Escola Normal de São Carlos* ele contribuiu enquanto era professor e continuou sua contribuição após sua transferência para a Escola Normal de Pirassununga. O conjunto dos seus artigos publicados ao longo do ciclo de vida da revista mostra as influências de autores estrangeiros, os princípios pedagógicos por ele defendidos e o firme propósito de defesa de um tipo de ensino baseado nos princípios proclamados por Pestalozzi e nos passos formais de Herbart. Em seu artigo *Methodo Didactico*, ao expor o “plano da escola herbatiana”, conclui que “ensinar não é mais do que ajudar o alumno a aprender”. (Proença, 1917, p. 25)

A obra de Herbart, segundo o autor, foi aperfeiçoada por seus discípulos, dentre eles o Dr W. Rein, diretor do Seminário Pedagógico da Universidade de Iena, na Alemanha. Ao contrário de João Lourenço Rodrigues, no artigo na *Excelsior!* acima referido, Proença não inclui Fröbel como complementar as idéias de Herbart. Em artigo posterior, sobre a organização de um plano racional de ensino primário, ataca o ensino através de livros e gravuras e defende a observação da natureza e dos fenômenos naturais que ocorrem em torno do ambiente do aluno, no ensino das ciências físicas e naturais. Para que a aprendizagem ocorra é preciso que o professor desperte o interesse dos alunos. Organizando o centro de interesses dos alunos o professor, para Proença, poderia organizar os planos de ensino.

Proença foi o responsável pela única seção organizada da revista, a Escola Primária, que conta com modelos de lições para a escola primária. Esta seção é ímpar, correspondendo a modelos de aulas, ou simplesmente, sugestões, tal qual está na revista, para as aulas na escola primária. Este tipo de seção, presente na revista *Eschola Pública*, é um exemplo de modelização das práticas pedagógicas presentes nos periódicos educacionais, que Carvalho nomeia como Caixa de Utensílios, numa concepção de Pedagogia como arte de ensinar,

Como *artes de saber-fazer-com*, ensino e aprendizagem são práticas fortemente atreladas à materialidade dos objetos que lhes servem de suporte. As práticas que se formalizam nos usos desses materiais guardam forte relação com uma pedagogia em que tal *arte* é prescrita como boa imitação de um modelo. Os incontáveis roteiros de lições divulgados em revistas dirigidas a professores têm as marcas dessa concepção pedagógica. (Carvalho, 2000, p. 113)

Além de Proença, outro autor de artigos nesta revista é Carlos da Silveira, lente de Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica da Escola Normal de São Carlos, desde 1913. Em 1920 foi transferido para a Escola Normal do Brás para ser o diretor da instituição. Membro da Liga Nacionalista de São Paulo, fez parte de umas das diretorias da Associação Brasileira de Escoteiros e vice-presidente da Sociedade de Educação de São Paulo, em 1924. Os artigos escritos por Carlos da Silveira para o periódico são basicamente sobre História da Educação e sobre as Escolas Normais e Escolas Primárias e alguns sobre civismo.

Nas revistas números 4, 5 e 6 Silveira publica uma série de artigos sob o título História da Instrução e da Educação, no Brasil. Trata-se de uma compilação que pretende traçar a história da educação brasileira de 1501 a 1918, baseando-se num conjunto de fontes, a principal delas História do Brasil, de Rocha Pombo, e os volumes dos Anuários do Ensino do Estado de São Paulo. O artigo de conclusão aborda o ensino em São Paulo, considerado por ele “o melhor do Brasil”. Dentre uma série de dados deste estado, destaca a introdução do método analítico de ensino de leitura, na administração de Oscar Thompson da Instrução Pública, entre 1909 e 1911. Ao fazer uma avaliação sobre a situação da instrução pública paulista em 1919, o autor traça uma série de críticas e levanta os pontos que ele julga positivos.

No artigo *Assumptos Escolares*, Carlos da Silveira oferece pistas sobre as leituras que faz sobre educação e ensino e as idéias que compartilha sobre estes temas. Aposta na formação dos professores nas Escolas Normais como a forma de mudança das Escolas Primárias. Neste momento ele já é o diretor da Escola Normal do Brás e um dos articuladores da reforma de 1920, dentre os escolhidos por Sampaio Doria. Sobre a necessidade de formar bons professores para a Escola Primária, aponta como requisito

Os COMENIUS, os PESTALOZZI, os GIRARD, as MONTESSORI [grifos do autor] são typos essencialmente vibranteis, crentes, possuídos de uma enorme bondade. Quem ler com cuidado as páginas da ‘Antropologia Pedagógica’ (...) perceberá logo em que consiste o segredo dos grandes educadores. Palavras cheias de emoção como aquelas de Maria Montessori jamais foram ditas pelos frios e indiferentes pesquisadores das fraquezas humanas; nunca os lábios da descrença pronunciaram conceitos tão elevados e tão gratos áquelles que acreditam na regeneração humana pela obra da escola, como afirmava o grande HORACE MANN. (Silveira, 1921, p. 35)

Tocando na necessidade de uma formação cívica dos alunos das Escolas Normais, tece alguns elementos essenciais desta formação, dentre eles, a música, o desenho, a ginástica, os trabalhos manuais, a língua nacional, as festas cívicas e escolares e o escotismo. Quando desenvolve mais cada um dos elementos, em trabalhos manuais, cita o trabalho de John Dewey, mas, ao que tudo indica, não por ter lido algo deste autor, mas pela opinião de O. Buyse, em seu livro *Méthodes américaines d'éducation*. Em outro ponto de seu artigo, Silveira aponta que é o aprender fazendo “o verdadeiro modo de aprendizagem” a para certifi-cá-lo indica Gustavo Le Bon e Omer Buyse.

João de Toledo é outro autor a contribuir com a temática deste trabalho. Professor da 12ª cadeira de Psicologia e Pedagogia, ao lado de Carlos da Silveira, em 1920 foi transferido para a Escola Normal de Campinas para ocupar o cargo de diretor e de lente de Psicologia e Pedagogia. Foi um dos membros da Sociedade de Educação de São Paulo, tendo ocupado cargo na diretoria eleita em 1924. Autor de vários manuais destinados à formação e a atuação de professores, um dos mais utilizados parecer ter

sido *Planos de Lição* (1934) que contém em torno de 400 temas que subsidiavam as aulas nas escolas primárias. Segundo Antonio D'Ávila, Toledo, com o movimento da Escola Nova, adquiriu o título de “representative-man da Escola Tradicional”, “o tradicionalista das diretrizes pedagógicas, o ranço didático (D'Ávila, 1946, p. 112.)”. O que estaria fazendo, então, Toledo ao lado de Sampaio Doria e Lourenço Filho?

Um artigo que chama a atenção já pelo título é *Aprendizado Activo*⁷. Nele Toledo começa analisando o ensino em São Paulo combatendo as aulas verbais praticadas pelos professores, aulas essas em que o aluno apenas ouve e repete. Inicia a defesa do aprendizado ativo como aquele que põe “a criança em acção, manuseando-os e, ao mesmo tempo, pensando, induzindo, apenas guiada pelo mestre e nunca ensinada por elle”(p. 42). Para ele, não há ensino elementar eficaz sem ser objetivo, ou seja, aprender a fazer, fazendo. Desaconselha o uso de gravuras toda vez que for possível utilizar objetos materiais nas aulas. A lista de autores citados ao longo do texto é extensa. Iniciando com Comenius, Pestalozzi, Gustave Le Bon, Payot, W. Bagley, Willian James, Fröbel, Ch McMurray, passando por Dewey. Deste último destaca que a razão que faz com que o aluno se interesse pelo que está sendo ensinado “surge da necessidade de reflectir sobre o melhor meio de dominar uma dificuldade qualquer encontrada, e assim conduz o individuo a fazer planos, a projectar mentalmente o resultado a ser alcançado e decidir sobre os passos necessários e sua seriação em ordem”(Toledo, apud Dewey, p. 48)⁸. A forma como Toledo constrói o texto coloca todos os autores citados como compartilhadores da idéia do ensino ativo e este compondo o quadro de uma Pedagogia Moderna. Ainda que as apropriações desses autores possam ter sido distintas por parte de cada uma dos professores que ao lado de Doria fazem a propaganda da reforma, eles são citados recorrentemente na maioria dos textos. Suponho que naquele momento havia uma conjugação de idéias compartilhadas entre Doria, Lourenço Filho e João Toledo, visto que haviam se formado na mesma instituição, a Escola Normal Secundária da Capital. As diferenças começam a se evidenciar a partir dos anos seguintes a publicação desta revista. Pelos artigos escritos por Toledo é perfeitamente visível que suas idéias sobre educação e ensino se inscrevem numa pedagogia moderna e não tradicional, como afirmado por d'Ávila

⁷ TOLEDO, João A. de. *Aprendizado Activo*. Revista da Escola Normal de São Carlos. Ano 3, n. 6, p. 37-54, jun 1919.

⁸ Este trecho foi extraído do livro *School and Society*, de John Dewey, sem a referência completa.

Um outro artigo, provavelmente escrito após a nomeação de João de Toledo para a direção da Escola Normal de Campinas, é um trabalho apresentado na Reunião dos Diretores do Ensino, realizada em São Paulo em julho de 1921. Como um dos eleitos de Sampaio Doria para a campanha da Reforma de 1920, Toledo aborda os programas de Psicologia, Pedagogia e Metodologia das Escolas Normais Paulistas. Para ele as aulas de Prática Pedagógica complementam as aulas de Psicologia e Pedagogia, no sentido de que o aluno deveria aprender a fazer, fazendo. Este artigo comporta importantes subsídios ao estudo dessas cadeiras da Escola Normal.

Sobre a circulação desta revista ainda há poucos indícios. Ela era distribuída gratuitamente por ser subsidiada pela Câmara Municipal de São Carlos. Quando da redistribuição dos professores por várias escolas normais do estado, em 1920, a revista pode ter ampliado sua circulação.

O terceiro periódico é *A Revista de Educação*, da Escola Normal de Piracicaba, publicada entre 1921 e 1923. Não foi encontrado o fascículo número 6 que abriu um terceiro volume do periódico e, portanto, não é possível determinar quantos números foram publicados. Na sua contracapa a finalidade com que veio a lume:

A Revista de Educação, organ da Escola Normal de Piracicaba e escolas annexas, conforme a sua própria denominação indica, é uma publicação periódica que tem por fim estudar, discutir e divulgar as mais salientes questões que, directa ou indirectamente, se prendem á educação em geral. O objectivo immediato é o de contribuir de uma maneira pratica e tão efficaz quanto possível, para o progresso scientifico do ensino primário e secundário; e, como, nesse ensino o mal mais geral e nefasto é o verbalismo estéril, o aprendizado só de palavras, o cultivo desintelligente e brutal da memória, a “Revista” inscreve como primeiro artigo de seu programma o combate systematico a esse desvio de instrucção, que tanto mal causa á formação do espírito da creança, e do adolescente. (...)

Dará preferência aos trabalhos do corpo docente da Escola Normal e annexas e destes sempre, aos que visarem o aperfeiçoamento da maneira de ensinar as disciplinas do curso primario, complementar e normal. Mas, poderá publicar

contribuições de outros professores estrangeiros, quando realmente valiosas. Poderá, também, mas só excepcionalmente, publicar pequenas traduções, que venham facilitar o estudo dos normalistas. (Revista de Educação, v. 1, n. 1, 1921)

Esta revista surge imediatamente após a publicação da Reforma do Ensino de 1920, na administração de Sampaio Dória na Diretoria Geral da Instrução Pública. Segundo Hilsdorf (1998), com a Reforma, Sampaio Dória envia às Escolas Normais do interior paulista seus colegas da Escola Normal da Capital para fazerem a propaganda da reforma e auxiliar na sua efetivação. É assim que Lourenço Filho é encaminhado para a Escola Normal de Piracicaba, como “professor da cadeira de Pedagogia e Psicologia, e em comissão, para a de prática pedagógica, da Escola Normal de Piracicaba, as mais importantes da instituição, aquelas que iriam imprimir aos trabalhos escolares as novas diretrizes pedagógicas” (p. 98), ao contrário dos professores da Escola Normal de São Carlos que além de assumirem a cadeira de Pedagogia e Psicologia e assumiram também a direção das Escolas, Lourenço Filho não ficou com a direção, que continuou a ser exercida por Honorato Faustino. Um dos poucos artigos publicados por Lourenço Filho nesta revista foi justamente para organizar a cadeira de Prática de Ensino. O artigo

“Plano de prática pedagógica” (1922) é um documento histórico-pedagógico de muita significação. Designado para reger a Prática Pedagógica na Escola Normal de Piracicaba, Lourenço Filho elabora o plano em 1921, executa-o com seus alunos e, para debate e orientação dos professores, publica-o na Revista de Educação (v. 22, fasc. 1, 1922), da Escola Normal de Piracicaba. O autor leva o documento a seu mestre e professor Antonio de Sampaio Dória, que iria representar a Liga Nacionalista de São Paulo, na Conferência Interestadual de Ensino Primário, reunida no Rio de Janeiro, em 12 de outubro de 1921. Sampaio Dória apresenta na conferência uma extensa e séria “Memória sobre a educação nacional” (Anais..., p. 351-389). O trabalho de Lourenço Filho é apresentado, em anexo, “por amostra do que vai ser a prática pedagógica. É um ensaio

para programa definitivo, que, no exercício da autonomia didática, terá de apresentar, no ano próximo, à aprovação do governo”.

No dia seguinte ao da conferência, o professor Lourenço Filho tornou-se um nome nacional. (Lourenço Fº, Rui, 2001, p. 5)

O artigo é o próprio programa da disciplina, elaborado para o 2º e o 3º anos do curso. Ao final do Programa há uma nota explicativa informando que ele está em conexão com as disciplinas de Psicologia (3º ano) e de Pedagogia Experimental (4º ano), fazendo com que os alunos primeiro verificassem na prática, em Prática Pedagógica, o que veriam na teoria, nas disciplinas do 3º e 4º anos acima.

Durante os primeiros dias de Fevereiro, os alumnos-mestres procedem á medida de acuidade visual e auditiva dos alumnos do grupo modelo anexo, pela thecnica aprendida no 3º ano. Nesse periodo é dada na cadeira de Pedagogia a noção generica de methodo, a concepção moderna do ensino activo, e a noção do methodo didactico unico, bem como toda a sua processuação. Entrando immediatamente depois a dar aulas, o professorando não o faz ás cégas; conhece pelo estudo anterior o ambiente e o regimen; acaba de conhecer o methodo, que é firmado nos seus conhecimentos de psicologia. Passa então a se exercitar na arte de ensinar, guiado pelo regente da Pratica, sem grandes surpresas nem desillusões. (Lourenço Fº, 1920, p. 56-57).

Lourenço Filho foi um dos principais articuladores da *Revista de Educação*, mesmo após sua ida ao Ceará, em 1923, para fazer a Reforma do Ensino naquele estado. As temáticas propostas nos números da revista conjugavam as idéias da reforma. Elas faziam parte de um ideário educacional e pedagógico da reforma que os professores responsáveis pela publicação imprimiram na revista. Através desses conhecimentos pedagógicos construíram um discurso do que era relevante para a formação de professores. Tais ideais também faziam parte do projeto de Reforma que Lourenço Filho realizou no Ceará. A formação intelectual, moral e física do educando estava no cerne das reformas Sampaio Doria e Lourenço Filho.

Outro artigo de Lourenço Filho, com o título *Estudo da Atenção Escolar*, o autor explicita que o conhecimento do funcionamento da mente infantil pode ajudar o

trabalho do professor. Fator importante para o ensino, despertar e manter a atenção da criança é tema central do artigo. Para tanto, o professor deve ter preparo técnico e moral. Concebendo o ensino como arte, o autor afirma que a “intuição, onde todo conhecimento se assenta, não é um mero agrupamento de sensações”, mas, “um producto da actividade da propria intelligencia cognoscente, desde que ela percebe e julga as impressões sensoriais”(Lourenço Fº, 1921, p. 75). O interesse é essencial e, nesse sentido, cabe ao professor despertar o interesse dos alunos sobre as questões trabalhadas para que estes se mantenham atentos e a aprendizagem ocorra. Numa segunda parte do artigo, a que o autor intitulou *Aplicações Pedagógicas*, há um conjunto de fatores que deveriam ser seguidos pelos professores das escolas primárias para manter a atenção escolar, evitar a fadiga - um dos fatores que impede a atenção – e, sobretudo, despertar o interesse. Os principais autores citados são William James e Claparède, além de Compayre e Sampaio Doria. Cita ainda outros autores que apesar de considerar leituras recomendáveis, não abordavam a atenção escolar, dentre eles, Faria de Vasconcellos e Binet. A presença desses autores demonstra que Lourenço Filho está atento ao movimento pedagógico internacional, não apenas norte-americano, mas europeu, também.

Este artigo é considerado por Almeida Junior (1946) como estudo pioneiro na área dos testes psicológicos, área sobre a qual Lourenço Filho se tornou referência ao publicar seu livro *Testes ABC*. Segundo Hilsdorf (1998) Lourenço Filho, ao lado de Honorato Faustino, propôs aos alunos da Escola Normal que realizassem as medidas de acuidade visual e auditiva dos alunos da Escola Modelo, anexa à Escola Normal. A partir dos resultados os alunos eram classificados e divididos nas diversas classes. A finalidade desses exames era a melhoria do ensino da linguagem. Ao contrário dos testes realizados nos laboratórios de Psicologia instalados após a vinda de Ugo Pizzoli ao Brasil, em que havia um conjunto de medidas antropométricas no estudo da capacidade de aprendizagem do aluno, os testes desenvolvidos por Lourenço Filho privilegiavam a acuidade visual e auditiva, como fatores importantes para a manutenção da atenção e o controle sobre a fadiga escolar. Na seção *Movimento Escolar*, no 1º número da revista há uma breve notícia sobre a criação do Gabinete de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal de Piracicaba, ainda em 1920. Segundo consta neste Gabinete estavam se desenvolvendo experiências sobre a memória infantil, a imaginação, a associação de idéias e o raciocínio para subsidiar as aulas de Psicologia e

de Metodologia Especial. Estes mesmos testes foram realizados na Escola Modelo, anexa à Escola Normal do Estado, no Ceará, por Lourenço Filho.

Lourenço Filho, Honorato Faustino - Diretor da Escola Normal de Piracicaba e Anexas - e Antonio Pinto, compunham a comissão editorial da revista. Faustino formou-se pela Escola Normal da Capital, nos anos finais do séc XIX. Foi nomeado diretor da Escola Complementar de Piracicaba e com a sua transformação em Escola Normal Primária, continuou a dirigi-la até 1928, sendo transferido para a Escola Normal da Praça da República, onde permaneceu como diretor até 1930.

Dentre os artigos escritos por Honorato Faustino, na maioria, voltados para a prática pedagógica, *O Ensino Activo nas Escolas Normaes e Complementares* será objeto de análise. Este artigo, já nas primeiras linhas, cita o artigo 255 da Reforma Sampaio Doria em que, segundo o autor, o ensino deve estar baseado no aprendizado ativo, com o desenvolvimento da iniciativa intelectual e da faculdade crítica do aluno. Tece elogios às modificações feitas pela Reforma estatuinto que a elaboração dos programas de ensino fosse feita pelos próprios professores que iriam aplicá-los. Após um conjunto de orientações aos professores para elaboração dos programas nos moldes do ensino ativo, completa o autor que

São hoje inteiramente condenadas no *ensino activo*, inteligente, perfeitamente orientado pelos preceitos da *moderna arte de ensinar*, as postillas (sic) e lições dictadas ou lidas, que amortecem no alumno a iniciativa intellectual e a faculdade de critica, encaminhando-o para a escravidão mental e abuso da memoria, com prejuizo do desenvolvimento e educação das faculdades nobres do espirito. (Faustino, 1921, p.71)

Ensino ativo e moderna arte de ensinar são preceitos postos pelo autor e que compõem o quadro da Pedagogia Moderna. Não há nesse artigo nenhuma menção a autores em que poderia se basear Faustino ao escrever o artigo. Ao final, sugere que o professor indique leituras aos alunos para que estes freqüentem as bibliotecas escolares, que deveriam ser fomentadas pelo Estado, com “obras de real valor”.

No Rio de Janeiro a revista *A Escola: Revista Pedagógica Mensal* (n. 7, set 1926) na sua seção Bibliografia, acusa o recebimento do volume 3, n. 1 – que seria o sexto número - *da Revista de Educação*. Como a revista da capital da república teve a

colaboração de Honorato Faustino como autor de um dos artigos há a possibilidade de barganha entre os periódicos. A *Revista de Educação* era paga com os recursos da própria escola, como consta no livro de registro de despesas da época. Não encontrei os registros de entrada dos recursos provenientes da venda dos números da revista o que deixa em aberto a questão da destinação destes recursos.

A Reforma Sampaio Doria pretendeu inverter a lógica que preside a institucionalização do método intuitivo, pela Reforma Caetano de Campos (1891), onde o método era atrelado à prática uma vez que nessa reforma o importante era um ensino enciclopédico. Já na Reforma Sampaio Doria, o método intuitivo, ou de intuição analítica, era fundamental para o desenvolvimento da capacidade de aprender do aluno, ou seja, o método se dissociava da prática uma vez que no método encontrava-se a base do ensino, “enraizando a prática docente no campo discursivo das prescrições metodológicas deduzidas de fundamentos científicos”(Carvalho, 2000, p. 114). Mesmo assim, professores, como Lourenço Filho, ainda pensavam na pedagogia como arte. Os periódicos publicados nas Escolas Normais do interior do estado de São Paulo analisados, mostram uma profusão de idéias sobre educação e ensino que se misturam mas, que nem sempre se coadunam. São apropriadas idéias de autores como Pestalozzi, Herbart, Binet ao lado de Montessori, Claparède e Dewey – este ainda pouco estudado nas décadas iniciais. Nota-se a ausência de Spencer, como um dos principais autores da Pedagogia Moderna, presente no livro de Sampaio Doria. Os artigos dos professores das Escolas Normais paulistas, defendem um ensino ativo, o desenvolvimento de capacidades cognoscentes dos educandos e tentam desenvolver alguns princípios pedagógicos que subsidiariam a prática do professor.

Como os periódicos paulistas são publicados até 1923 não é possível perceber as mudanças no campo pedagógico e político que irão determinar, ainda que no discurso produzido por determinados autores, os representantes do movimento de renovação educacional em São Paulo. Por outro lado, é perfeitamente possível verificar que a circulação de modelos pedagógicos, ainda que distintos, se amalgamam nas primeiras décadas do século 20, unindo educadores que ficarão em campos distintos no final da década de 1920 e na seguinte.

Segundo Marta Carvalho (2000, p. 144) as décadas de 1920 e 1930 marcaram uma passagem, nada tranqüila, entre a Pedagogia Moderna e a Pedagogia da Escola Nova, com seus atores defendendo o que cada grupo entendia por melhor em termos de

ensino e de formação de professores. Seria no abandono da idéia de Pedagogia como Arte de Ensinar e no entendimento desta como Científica, baseada em fundamentos teóricos e metodológicos derivados principalmente da psicologia, que se estabeleceu uma nova forma de conceber a educação e o ensino, na chamada Pedagogia da Escola Nova.

Pensando em termos de circulação de modelos pedagógicos posso considerar que há no período estudado não uma circulação entre as escolas normais, mas, de autores que circulam por essas instituições de formação de professores. Herbart, Pestalozzi e Fröbel, são os autores de obras pedagógicas referências principais e recorrentes na formação de professores. É em torno do método intuitivo e dos trabalhos manuais que se desenha um modelo de formação do professor primário, onde o aprender a fazer é o ponto de saída.

Referências

ALMEIDA JUNIOR, A. de. A Escola Normal de São Paulo e sua evolução. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 7, n. 20, fev 1946, p. 227-228.

BARROS, Roldão L. O interesse: seu papel como fator educativo. In *Excelsior!* n. 3, fev 1913, s/p.

CARVALHO, Marta M. C. Reformas da Instrução Pública. *500 anos de educação no Brasil*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 225-251.

_____. Modernidade Pedagógica e Modelos de Formação Docente. In *São Paulo em Perspectiva*, 14(1), 2000, p. 111-120.

_____. Por uma História Cultural dos Saberes Pedagógicos. In: Cyntia Pereira de Sousa; Denice Barbara Catani. (Org.). *Práticas Educativas, Culturas Escolares Profissão Docente*. São Paulo, 1998, v. , p. 31-41.

CARVALHO, M. M. C. ; HANSEN, J. A. . Modelos Culturais e Práticas de Representação: Uma Leitura de Roger Chartier. *Varia História*, BELO HORIZONTE, v. 16, p. 7-24, 1996.

CHARTIER, Roger. *História Cultural entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CERTEAU, M de. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

D'ÁVILA, Antonio. João de Toledo. In *Poliantéia* comemorativa do primeiro centenário do Ensino Normal em São Paulo (1846-1946). São Paulo: Gráfica Bréscia, 1946, p. 112.

FAUSTINO, Honorato. O Ensino Activo nas Escolas Normaes e Complementares. In *Revista de Educação*, v. 1, n. 2, 1921, p.71.

HILSDORF, Maria L. S. Lourenço Filho em Piracicaba. In SOUSA, Cynthia P. (org). *História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1998.

Lourenço Fº, Rui (org). Lourenço Filho, M. B. *A formação de professores: da Escola Normal à Escola de Educação*, Brasília: INEP, 2001, p. 5. (Coleção Lourenço Filho, 4)

Lourenço Fº, M. B. Prática Pedagógica. In *Revista de Educação*, v. 1, n. 1, 1920, p. 50-57.

_____. Estudo da Atenção Escolar. In *Revista de Educação*, v. 1, n. 2, 1921, p. 75.

PROENÇA, A. F. Methodo didactico. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, Ano 1, n. 2, jun 1917, p. 25-26.

_____. No domínio da technica. In *Excelsior!*, ano 4, n. 7, set 1916, s/p.

_____. O estudo da natureza nas escolas primárias. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, Ano 1, n. 1, nov 1916, p. 24-26.

RODRIGUES, J.L. Fazer para aprender. In *Excelsior!* n. 1, fev 1911, p. 12-13.

SILVEIRA, Carlos da. Historia da Instrucção e da Educação, no Brasil. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, n. 4-6, 1918-1919.

TOLEDO, João A. de. Aprendizado Activo. *Revista da Escola Normal de São Carlos*. Ano 3, n. 6, p. 37-54, jun 1919.

TOLEDO, Maria R. A. e CARVALHO, Marta M. C. Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. OLIVEIRA, Marcus A. T. *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.